

Brincar na Mídia: oficinas de *Podcast* e criação de *blog* em escola de educação especial¹

Vicente de Souza CARDOSO JR²
Herman Ziyang Martins AMENO³

Paula Lanza BARBOSA⁴

Graziela Valadares Gomes de Mello VIANNA⁵
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O som, presente em diversos âmbitos de nossas vidas e fundador de linguagem própria, revelou-se rica ferramenta para uma experiência integrada entre os campos da comunicação e da educação especial. O projeto utilizou-se de oficinas de *Podcast* para estimular novas formas de expressão e ampliar as possibilidades de inclusão de pessoas com deficiência. A visibilidade permitida através de *blog* do projeto, que agregou *Podcasts* e outras produções, representou novas formas de interação e socialização para o grupo da escola.

PALAVRAS-CHAVE: educação especial; oficinas; *Podcast*; som; visibilidade midiática.

1 INTRODUÇÃO

Brincar na Mídia é um projeto de estímulo à reflexão e à produção utilizando a linguagem sonora, por meio de oficinas desenvolvidas junto à Escola Brincar. A instituição, voltada para crianças e jovens com necessidades educacionais especiais, reúne profissionais das áreas de educação e saúde, que atuam numa prática integrada. Com isso, a configuração das oficinas de *Brincar na Mídia* em cada uma das quatro turmas contempladas pelo projeto partiu das noções de integração e transdisciplinaridade já estabelecidas no cotidiano escolar.

De início, propunhamos uma rádio-escola (com periodicidade fixa e formatos tradicionais do rádio) como produto a ser desenvolvido por meio das oficinas. Os primeiros contatos com os alunos, no entanto, revelaram algumas condições limitadoras a essa proposta inicial, como incapacidade ou dificuldades de fala, limitações de cognição, capacidade motora reduzida e memória de fatos recentes pouco desenvolvida. Por isso, passamos a relativizar a noção de produto final, entendendo que o que há de mais elementar na produção radiofônica – o som – poderia ser o ponto de partida para uma abordagem mais rica com tais alunos, que se comunicam e percebem o mundo de modos tão diferenciados.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Produção Multimídia.

² Aluno líder do grupo, graduado em Comunicação Social pela UFMG, habilitação em Jornalismo, email: vicentecardoso@gmail.com

³ Estudante do 10º período de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV; graduado no mesmo curso, habilitação em Relações Públicas, email: hermovel@gmail.com

⁴ Graduada em Comunicação Social pela UFMG, habilitação em Jornalismo, email: p.lanza01@googlemail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFMG, email: grazielavmv@hotmail.com

Nessa perspectiva de trabalho, optamos pelo *Podcast*⁶ e pelo *blog*⁷ como meio ideal para veiculação da produção sonora, pois tais dispositivos permitiriam maior liberdade nos formatos, uma vez que não exigem veiculação periódica nem interrelação de conteúdo, tamanho e duração entre os diferentes produtos postados. Tal opção também oferecia maior acessibilidade à comunidade da escola, que engloba alunos, pais e funcionários – tendo em vista a facilidade de criação e publicação de conteúdos. Desde o início, *Brincar na Mídia* também trazia a ideia de aumentar a visibilidade da escola e gerar maior interação entre seus públicos (alunos, pais e funcionários).

2 OBJETIVO

No nível pedagógico, enxergamos as oficinas de som como uma oportunidade de estimular os alunos por meio de uma atividade nova e que pode favorecer os processos de aprendizagem, facilitando o envolvimento e a assimilação de conteúdos – o *Podcast* e o som permitem a criação de atividades variadas que podem ser relacionadas a temas trabalhados nas disciplinas de português, matemática, ciências, dentre outras.

No campo da comunicação, acreditamos que o projeto é capaz de contribuir para a inserção do discurso desses alunos na mídia, estimulando-os a serem produtores de conteúdo. Por meio da estimulação dos alunos e da promoção do contato com tecnologias de informação e comunicação (TIC) com as quais eles não têm familiaridade, como o gravador de voz e o *software* de edição de áudio, pretendemos educá-los para a autonomia e para a capacidade de julgamento crítico, através da oferta de mais uma alternativa de expressão e, ainda, de visibilidade – permitida pelo desenvolvimento de produtos midiáticos postos em circulação pela *internet*, como o *blog* e os *Podcasts* desenvolvidos.

Teófilo Alves Galvão Filho (2002), no artigo *As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social do aluno com necessidades especiais?*, alerta que o computador não pode ser utilizado apenas como forma de chamar a atenção do aluno para a prática escolar tradicional, dentro de um modelo “instrucionista”, padronizante, que valoriza quase que exclusivamente o repasse de “pacotes de informação” e a memorização.

⁶ *Podcast* é um meio de se publicar arquivos sonoros através da *internet*. Podem ser ouvidos online e ficam disponíveis para *download*. O programa utilizado para baixar estes arquivos é o *iTunes*. Há, ainda, a opção de transferir os arquivos para qualquer aparelho que reproduza o formato mp3 (celular, *Ipod*, *mp3 player*, etc).

⁷ Para tal, foi criado o blog do projeto: <http://brincarnamidia.wordpress.com> (Os produtos das oficinas estão disponíveis na seção *Podcasts*)

Com atenção ao risco apontado por esse autor, a proposta deste projeto não foi simplesmente oferecer novas ferramentas de comunicação à comunidade escolar junto à capacitação técnica para seu uso. Buscamos desenvolver uma apropriação crítica e socialmente referenciada das possibilidades de exploração do som e do ambiente virtual pelos sujeitos.

3 JUSTIFICATIVA

Segundo Rosana Glat e Edicléa Fernandes (2005), a educação inclusiva passa a ser reconhecida como forma prioritária de atendimento a alunos com necessidades especiais nos anos 90. O paradigma da educação inclusiva, que propõe a inclusão de todos na escola, dentre eles os deficientes, tem como preceito uma inserção que não seja apenas física ou presencial, mas capaz de promover a participação e a construção de conhecimento entre todos, cabendo à escola a atenção às demandas do grupo e de cada aluno individualmente. Nesse sentido, reconhece-se o valor do conhecimento e dos métodos desenvolvidos no campo da educação especial para promover a inclusão dos sujeitos com deficiência.

Uma forte vertente da educação especial apresenta a característica de se constituir a partir da interdisciplinaridade. Segundo Eucenir Rocha (2007), a educação especial foi a porta de entrada para a Terapia Ocupacional no campo da Educação. Rocha define como meta da Terapia Ocupacional no ambiente escolar “o fortalecimento da potência de pensar e agir dos sujeitos envolvidos, facilitar a construção de soluções para os impasses a partir do próprio grupo, redirecionando e alocando recursos tecnológicos, sociais e políticos dos equipamentos da comunidade” (ROCHA, 2007, p. 125). Por essa perspectiva, algo fundamental seria a percepção conjunta, a partir das diferentes áreas do conhecimento, da finalidade de cada intervenção.

Tal proposta se aproxima bastante do contexto da Escola Brincar, que desenvolve uma prática integrada entre os profissionais das áreas de educação e saúde. A inserção deste projeto na instituição buscou oferecer à equipe um novo viés – do campo da comunicação – para ser incorporado a suas reflexões e prática pedagógica. O diferencial que buscamos era o de estimular, na equipe e na comunidade escolar, um novo modo de se pensar o som, com atenção a sua presença múltipla em nossas vidas (dos sons cotidianos aos midiáticos) e a proposição de atividades que permitissem a participação autoral dos alunos e a visibilidade midiática dos mesmos. Além disso, acreditamos no potencial de maior integração da

comunidade escolar através do *blog* e dos *Podcasts*. Levando em conta que a geração atual de crianças e jovens possui celulares que reproduzem *mp3*, *iPods* e outros aparelhos para ouvir música, além de grande intimidade com o computador, consideramos que os alunos ganharam um espaço para mostrar as produções que realizam na escola a familiares e amigos e esperamos que, assim, possam se sentir ainda mais envolvidos e estimulados.

Verificou-se que a própria equipe da escola demandava um tipo de exposição diferente da que deixa transparecer o atual *site*⁸, que é visto pelo como uma ferramenta bastante formal, estática e institucional. Assim, a criação do *blog* funcionaria não apenas como espaço de divulgação do projeto e seus produtos, mas seria também uma eficaz ferramenta para dar visibilidade ao trabalho que é realizado cotidianamente pela equipe.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No livro *Estética radiofônica*, Rudolf Arnheim (1980) aborda como a produção radiofônica veio a ser uma nova possibilidade de expressão artística. O entendimento de que palavra, música e ruídos significantes são fundados na mesma ordem – o som – e devem ser conjugados com vias a se alcançar uma unidade sonora é, para Arnheim, uma das principais tarefas artísticas a serem desempenhadas no rádio. Tal referência nos apontou a importância de estimular os alunos a expressar e registrar o que lhes fosse mais sensível, sem aprisionamento ao plano do conteúdo ou a formatos pré-estabelecidos. Assim, atividades simples como a gravação de sons ambientes e da própria voz dos alunos, seguida da audição do que era gravado, se mostraram extremamente ricas, por promover uma primeira sensibilização para o som e para as diversas possibilidades de uso da linguagem sonora.

Os sons também são capazes de despertar emoções e ainda lembranças. Heloísa Valente (2003) trata da capacidade da canção midiática de atuar como “cápsula de memória”, uma extensão da memória individual ou coletiva. Ao se reavivar certa situação por determinada cápsula (uma canção), esta se reveste de significado e reforça sua presença na mente dos indivíduos vinculada à situação específica. Muitos dos alunos participantes das oficinas apresentam problemas com a memória de fatos recentes, mas têm certas canções registradas na mente e que despertam neles determinados estados emocionais. Partindo da reflexão desenvolvida por Valente, propusemos a gravação de momentos em que os próprios alunos

⁸ <http://www.escolabrincar.com.br/>

cantavam suas canções favoritas para que depois as ouvissem, o que promoveu sua maior identificação como participantes e autores na atividade musical.

Ricardo Haye (2004) fala de uma iconicidade acústica do mundo, que “desperta a evocação e ainda o reconhecimento da realidade. Nesse sentido, os sons sugerem duas dimensões: tempo e espaço.” (2004, p. 50) Sons codificados, como uma torneira pingando ou o *tic-tac* do relógio, são capazes de criar ambiência distinta para situações variadas. A partir dessa noção, pensamos em desenvolver atividades que envolvessem técnicas de sonoplastia, que consistiriam na simulação de sons (como chuva por meio de sacolas plásticas, trovões por meio de chapas de radiografia) para acompanhar ou constituir determinada ação. Como acontece tradicionalmente na radionovela ou no teatro radiofônico, propusemos a recriação em sala de aula de sons da natureza, de animais, objetos, movimentos e outros elementos sonoros possíveis de serem referidos ou construídos por essa técnica.

Outras linhas de estudo voltam-se para a capacidade dos sons de descrição de contextos e espaços do mundo e do cotidiano. O ambiente acústico (ou paisagem sonora), como definiu o canadense Murray Schafer, é capaz de transmitir informações preciosas de épocas do passado e pode ser lido como “um indicador das condições sociais que o produzem e nos contar muita coisa a respeito das tendências e da evolução dessa sociedade” (SCHAFER, 1997, p. 23). O registro de paisagens sonoras foi uma das práticas desenvolvidas nas oficinas, representando mais um meio de expressão para o grupo. Vemos ainda as experiências com percursos sonoros como uma possibilidade de atuação nesse campo. O percurso sonoro parte do deslocamento dentro de uma paisagem sonora, o que permite a “somatória de elementos que muitas vezes não são audíveis de um único lugar/local”⁹.

Antes da execução das oficinas de som e *Podcast*, baseadas nas referências expostas anteriormente, refletimos sobre a concepção do espaço virtual que abrigaria os resultados do projeto. A escolha do formato de *blog* se deu pela simplicidade de uso dessa plataforma e pela possibilidade que oferece de abrigar tipos variados de conteúdo, seja em texto, fotografia, áudio ou vídeo. Tal caráter fortalecia a proposta de que o *blog* Brincar na Mídia não se restringisse aos resultados das oficinas de *Podcast*, mas se tornasse um espaço de visibilidade para outras atividades e produções da escola e, ainda, de criação, para que se pensasse na possibilidade de produções em diferentes mídias voltadas para esse espaço.

⁹ Disponível em <www.azorespaisagemsonora.blogspot.com>. Acesso em 30 de abril de 2012.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A pedido das professoras, o *blog* assumiu a função de exibir para os pais a realidade da escola – através da publicação de pequenos artigos (*posts*) – em um canal de comunicação menos preso a formalidades. Essa exposição do trabalho da equipe ajuda a criar e reforçar os vínculos da Escola Brincar com um de seus públicos mais relevantes, os pais dos alunos. Pensamos que o *blog* também propicia maior a integração da comunidade escolar. Assim, consideramos bastante adequado utilizar produtos que são feitos na própria escola em sua montagem. A nosso pedido, o cabeçalho do *blog* e a logomarca do projeto foram desenvolvidos por um estudante da escola. Da mesma forma, as telas que compõem o fundo do *blog*, trocadas periodicamente, são pinturas realizadas por alunos da instituição.

Para as oficinas de som, optamos por trabalhar com os alunos do turno da manhã (quatro turmas ao todo), pois aqueles que estudam no período da tarde têm faixa etária bem baixa e, por consequência, haveria uma produção pequena e pouco consistente de material sonoro. Desde o princípio, intencionávamos que o projeto fosse incorporado à escola como uma ação definitiva. Dessa maneira, preocupamo-nos em capacitar as educadoras para que pudessem ser multiplicadoras do projeto.

As oficinas de som com as professoras contaram com um panorama sobre a história do rádio e seus formatos mais tradicionais: *jingle*, *spot*, vinheta, trilha sonora (BG), radionovela, pílula, programas de entrevista, radiodocumentários, entre outros. No conteúdo exposto, incluímos algumas utilizações alternativas do som, como percurso sonoro, registro de paisagem sonora e sonoplastia, sempre com a exposição de exemplos. À medida que explicávamos algum conceito, elas próprias indicavam quais formatos poderiam ou não funcionar em sua turma – o que foi fundamental para a sequência do projeto. O programa sugerido para gravação e edição dos sons foi o *Audacity*, escolhido por ser simples, gratuito e com versão em português. Além disso, todas as educadoras receberam capacitação ainda para uso do *blog*, tanto para aprenderem a postar os *Podcasts* produzidos e outros conteúdos relacionados às demais atividades da escola, quanto para que propusessem novos usos e apropriações daquela plataforma.

Levando em conta o caráter heterogêneo das quatro turmas do turno da manhã, as oficinas propostas foram sendo moldadas de acordo com o perfil de cada turma e aluno. Abaixo, seguem breves relatos das oficinas.

Na turma coordenada pela psicopedagoga Fernanda Dias, iniciamos a oficina com exercícios simples de adivinhação de sons presentes em paisagens sonoras retiradas da *internet*. Passamos então a sensibilizá-los para os sons presentes nos ambientes em que vivem, pedíamos que os identificassem e os captassem com o gravador. Em seguida, propusemos que investissem na construção de sentidos, realizando combinações de sons e inserindo sua locução.

Quando percebemos maior interesse e desenvoltura dos alunos com as oficinas, iniciamos atividades de sonoplastia para o desenvolvimento de peça sonora que traduzisse as quatro estações do ano no Brasil: na ordem trabalhada, verão, outono, inverno, primavera¹⁰. Por fim, fizemos um percurso sonoro partindo da Escola Brincar até um local escolhido para piquenique no Parque Municipal de Belo Horizonte, estimulando os alunos a desenvolverem as práticas e conceitos assimilados nas atividades anteriores.

A psicoeducadora Andreza Araújo indicou que o formato que mais se adequaria a sua turma seria a entrevista, pois os alunos já haviam realizado projeto similar, em que amigos e familiares passavam uma manhã na escola e eram entrevistados pela turma. Além disso, atividades que permitem sair do espaço da escola também os estimulam em especial.

Após algumas atividades que propunham o registro de paisagem sonora fora de sala de aula, chegamos à ideia de criar um programa de entrevistas com personagens do bairro Floresta (onde fica localizada a instituição). Foi escolhido o nome ‘Bate-papo na Floresta’ e elaborada uma vinheta de abertura. A participação e o entusiasmo dos alunos, o senso crítico e a capacidade de expressar suas opiniões foram pontos positivos observados.

Sempre tentávamos envolver todos os alunos, seja no comando do gravador, segurando o microfone para o outro ou passando a vez de perguntar. Para a continuação do projeto nessa turma, pensamos na elaboração, pelos alunos, de entrevistas aprofundadas sobre um tema em voga no noticiário nacional e internacional, por exemplo, ou algo relacionado a futebol, tema de preferência unânime dentro da sala.

¹⁰ Os conceitos de multissensorialidade e sinestesia, trabalhados por Haye (2004), referenciam atividades em que os alunos foram estimulados a expressar sensações e emoções por meio de sons que não passavam necessariamente pela verbalização, como foi o caso da atividade de representação das estações do ano.

A professora Flávia Bernucci apontou o registro de sons do cotidiano como um dos formatos mais adequados para sua turma. Assim, decidimos registrar uma aula de culinária, para gerar, como produto sonoro final, a locução de uma receita com intervenções da paisagem sonora do ambiente da cozinha. Nesta produção, foi possível perceber que os alunos se interessavam mais quando tinham o gravador próximo a eles, reproduzindo o som gravado. Na aula seguinte, percebemos, junto à professora, que a turma teria dificuldades em participar do processo de edição dos materiais. Isso nos fez optar, a partir de então, por formatos que fossem gravados de modo mais direto.

Em oficinas junto à aula de música, os alunos puderam ouvir a si mesmos cantando e ainda foram instigados a descobrir músicas tocadas ou cantadas pelo professor. Em seguida, buscamos explorar a dramatização. Gravamos uma história de roteiro bastante simples ambientada em um sítio, ficando cada aluno responsável por reproduzir o som de um ou mais animais. Imprimimos ilustrações dos animais a serem representados, para ajudar cada aluno a memorizar seu papel – o que, segundo a terapeuta ocupacional da escola Marina Corrêa, se aproxima da técnica de comunicação suplementar e/ou alternativa¹¹.

Os alunos da professora Maria da Luz são os mais novos dentre as turmas trabalhadas. Em decorrência de maior dispersão e dificuldade de concentração em aulas teóricas, decidimos dar ênfase à prática e a atividades que requeriam a participação constante de todos. Nesse sentido, propusemos a realização de sonoplastia com diversos tipos de materiais e fizemos visitas a vários lugares para registrar paisagens sonoras.

Os alunos indicaram preferência por atividades que envolvessem a contação de histórias. Por isso, escolhemos quatro fábulas clássicas e as adaptamos livremente, para adequar ao nível de aprendizado da sala e, ainda, para propiciar maior participação de todos. Assim, fizemos o papel de narrador e pedimos aos alunos que reproduzissem com as mãos ou com os lábios os sons que faziam parte da história. Para garantir maior concentração e segurança, realizávamos diversos ensaios antes da gravação – como forma de evitar a edição, atividade pela qual a classe demonstrou pouco interesse. Um aspecto interessante foi o maior respeito que passaram a ter com o momento da gravação – em determinados momentos, era possível observar alguns alunos policiando os outros e solicitando silêncio.

¹¹ O foco da comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA) é cobrir as necessidades de recepção, compreensão e expressão da linguagem, aumentando assim a interação comunicativa dos indivíduos que não falam ou apresentam problemas na fala. (DELIBERATO, 2005)

Os produtos sonoros elaborados durante as oficinas foram exibidos em uma exposição sediada na própria instituição, como forma de dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pela Escola Brincar e pelo projeto Brincar na Mídia e, ainda, convocar a comunidade escolar a participar mais ativamente de atividades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

A proposta era a de criar um ambiente multissensorial. No espaço da escola, cuidadosamente organizado, os familiares convidados podiam não apenas ouvir o material que foi elaborado durante as oficinas, mas também assistir a vídeos¹² e realizar atividades dinâmicas, como a caminhada pelo bairro Floresta para acompanhar o percurso de entrevistas do programa “Bate-papo na Floresta”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do projeto nos ajudou a pensar o som como elemento fundamental na construção de nossa realidade. Tentamos, nos dois meses das oficinas, iniciar essa reflexão junto à comunidade escolar, estimulando-os a pensar essa forma de percepção do mundo como algo potencialmente enriquecedor para ser incorporado a seu cotidiano e a sua prática pedagógica. Ao final do semestre, a realização da exposição com os conteúdos produzidos foi de grande satisfação nesse sentido, por vermos que alunos, familiares e toda a equipe da escola se envolveram e confiaram na validade da proposta.

Acreditamos que, além do potencial para estreitar os laços entre os públicos imediatos da escola (funcionários, pais, alunos), o projeto pode desempenhar importante papel de inclusão social. Ao possibilitar que esses sujeitos se apoderem de diferentes formas de comunicação – os *Podcasts* e o *blog* – com grande potencial de visibilidade, acreditamos que eles podem passar a incluir seu discurso numa esfera de debates em torno das condições de vida das pessoas com necessidades especiais.

Desse modo, o projeto se apresenta como uma possibilidade de inclusão, mas assumindo a controvérsia desse termo, que parte da noção desenvolvida por Sawaia (1999): “A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o

¹² Para a exposição, foram produzidos dois vídeos: um de registro das oficinas de som; outro com imagens que acompanham o áudio de sonorização das estações do ano realizado pela turma da professora Fernanda.

que implica o caráter ilusório da inclusão.” (SAWAIA, 1999, apud ROCHA, 2007, p. 124) Esse autor nos leva a enxergar o caráter multifacetado da dinâmica de inclusão/exclusão na sociedade, que não seria uma falha no sistema a ser combatida, mas fruto do próprio funcionamento do sistema. Olhando para certas categorias que Sawaia propõe para pensarmos a exclusão (individual/coletiva, subjetiva/objetiva, racional/emocional, relacional/pessoal), entendemos que não foi nosso objetivo resolver qualquer dessas questões, que são fundadas no seio das dinâmicas sociais. O que acreditamos ser a contribuição modesta deste projeto é instigar a presença desses sujeitos como participantes de uma esfera produtora de discursos, por meio de seu envolvimento maior com uma forma específica de linguagem. Considerando seus diferentes níveis de participação e juízo crítico, procuramos estimular os alunos envolvidos pelo projeto a terem a linguagem sonora como mais um modo de expressão, que, assim esperamos, possa ajudá-los de algum modo a se manifestarem e a gerarem novas problemáticas nessa complexa dinâmica de exclusão/inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, Rudolph. **Estética radiofônica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1980.

DELIBERATO, Débora. Comunicação alternativa: recursos e procedimentos utilizados no processo de inclusão do aluno com severo distúrbio na comunicação. In: PINHO, Sheila Zambello de; SAGLIETTI, José Roberto Corrêa. (Org.). **Núcleos de Ensino**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, v. 1, p. 366-378.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social do aluno com necessidades especiais? **Anais do III Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação Especial**. Fortaleza: MEC, 2002.

GLAT, Rosana & FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Da Educação Especial segregada à Educação Inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da Educação Especial brasileira. **Revista Inclusão**: MEC/SEESP, vol 1, nº 1, pg. 35-39, 2005.

HAYE, Ricardo. **El arte radiofónico**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

ROCHA, Eucenir. **A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo v.18 n.3. São Paulo, 2007.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

Site do Projeto Açores Paisagem Sonora. Disponível em <www.azorespaisagemsonora.blogspot.com>. Acesso em 22 de maio de 2011.

VALENTE, Heloísa. **As vozes da canção na mídia**. São Paulo: Via Littera: Fapesp, 2003.